

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O TRABALHO COM FONTES IMPRESSAS PERIÓDICAS NAS AULAS DE HISTÓRIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO HISTÓRICO.

Fabricio Adriano

Escola de Educação Básica Professor Júlio Scheidemantel

fadriano.blu@gmail.com

Mas então, o que é escrever? Designo por escritura a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado (CERTEAU, 2014, p. 204).

Resumo: Neste artigo analisa-se o uso de fontes impressas periódicas em sala de aula. O objetivo é entender como o trabalho com os impressos pode contribuir para o aprimoramento do pensamento histórico dos estudantes. As fontes históricas foram estudadas a partir dos elementos que proporcionam a materialidade do texto impresso. O trabalho foi desenvolvido com estudantes do Nono Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, localizada no município de Timbó, em Santa Catarina. As observações foram realizadas a partir de sequências didáticas desenvolvidas com os estudantes. Estas sequências didáticas levaram a elaboração de diferentes narrativas escritas através das quais se traçou um breve panorama do pensamento histórico dos estudantes. O trabalho dialoga com referenciais teóricos que discutem o ensino de história e o mundo dos impressos. Entre estes referenciais estão aqueles autores vinculados as discussões sobre educação histórica, dentre os quais, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt e Isabel Barca e autores que estudam o universo dos impressos para além da supremacia dos textos como Roger Chartier e Tania Regina de Luca.

Palavras Chaves: fontes impressas periódicas, ensino de história, sequência didática, pensamento histórico.

INTRODUÇÃO

O presente artigo origina-se de um trabalho de pesquisa com o uso de fontes impressas periódicas em sala de aula. O trabalho foi fruto da pesquisa desenvolvida para o mestrado profissional em história (PROFHISTÓRIA) realizado na UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina) entre os anos de 2016 e 2018 sob a orientação da Professora Doutora Caroline Jaques Cubas. Neste texto relata-se as observações da primeira narrativa escrita pelos estudantes, de um total de dez. Esta primeira narrativa foi desenvolvida a partir dos contatos iniciais dos estudantes com a proposta da pesquisa.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Também se explora os resultados da aula oficina de tipografia e a visita a uma fábrica de papéis. A partir do trabalho com o universo dos impressos investigou-se as relações dos estudantes com as ideias históricas no processo de ensino aprendizagem. Na realização da pesquisa os estudantes desenvolveram diferentes narrativas escritas a partir do planejamento de aula desenvolvido em forma de sequencias didáticas¹. O planejamento teve como eixo central o universo dos periódicos impressos, através deste eixo central diferentes conteúdos, vinculados as aulas de história no Ensino Fundamental Anos Finais, foram trabalhados. O planejamento foi aplicado com uma turma do Nono Ano da Escola de Ensino Fundamental Clara Donner localizada no município de Timbó em Santa Catarina.

Para a análise das narrativas foi utilizado o modelo proposto por Isabel Barca a partir da leitura que esta faz dos tipos de narrativa de Rüsen. Este modelo foi transformado em um quadro de análise pela professora Giane de Souza Silva em sua dissertação de mestrado. Com pequenas alterações, faz-se uso aqui do quadro criado pela professora, aplicado agora a realidade deste trabalho. Portanto, desloca-se o método de análise adequando-o a uma outra realidade. Silva trabalha com três tipos de narrativas.

Narrativa explicativa ou com coerência, quando apresenta contextualização de alguns acontecimentos históricos, em enredo no qual a coerência está articulada à orientação temporal. Narrativas fragmentadas, na contextualização do processo histórico estudado manifestam compreensão fragmentada, apontando dificuldades na articulação das relações temporais. Narrativas soltas, os acontecimentos aparecem nas narrativas, mas como ilhados não apresentando uma trama, não se constituindo uma narrativa (SILVA, 2014, p. 92).

Em sua análise Silva faz uso de outros quadros que observam a presença ou não de termos específicos para a caracterização das narrativas. No caso deste trabalho, optou-se por utilizar o quadro referente aos marcadores.

Marcadores históricos, (temas e acontecimentos narrados, conceitos históricos substantivos; personagens/agentes históricos pessoais e sociais). Marcadores temporais, (cronologia e expressões que indicam temporalidade). Marcadores espaciais (referências a espaços locais, regionais, nacionais ou mundiais) (2014, p. 91).

¹ Para a definição de sequência didática utilizou o referencial de ZABALLA, 1998.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Neste caso buscou-se identificar nas narrativas expressões que sinalizassem a utilização destes marcadores. Os resultados desta observação foram expressos em quadros que apresentavam os números totais e as porcentagens totais obtidas a partir da observação do conjunto de cada narrativa.

Além dos tipos de narrativas, também se observou as narrativas produzidas, de acordo com o entendimento que os textos fizeram do universo de conceitos trabalhados sobre os impressos periódicos procurando, desta forma, compreender o pensamento histórico dos estudantes dentro do universo das fontes periódicas impressas.

O trabalho em sala de aula com conceitos não significa a apresentação, por parte do professor, do sentido de determinadas palavras aos estudantes. Os conceitos extrapolam os significados expressos nos dicionários de língua portuguesa. O seu entendimento também não depende da memorização do que é exposto pelo professor. Para Maria Auxiliadora dos Santos Schmidt (1999, p. 149); “Aprender conceitos não significa acumular definições ou conhecimentos formais, mas construir uma grade que auxilie o aluno na sua interpretação e explicação da realidade social.”

Para efeito de análise, os conceitos trabalhados a partir das sequências didáticas foram alocados dentro de um quadro para que se pudesse compreender os usos que os estudantes faziam deles. Para o preenchimento deste quadro utilizou-se a seguinte metodologia: no caso da primeira coluna se a palavra ou categoria² que representava o conceito aparecesse na narrativa a resposta no quadro seria *positiva*, caso contrário, *negativa*. No caso da segunda coluna quando o estudante de alguma forma descreveu ou fez uso do significado do conceito no texto a resposta foi “*sim*”, caso contrário, “*não*”. Já para o preenchimento da terceira coluna foi observado se em sua narrativa o estudante utilizou o conceito para explicar o conteúdo ou mesmo para fazer uma crítica ou defesa dele, neste caso a resposta era positiva, caso contrário, negativa.

Todas as propostas de análise apresentadas até aqui foram feitas com o intuito de se estabelecer um exame do pensamento histórico dos estudantes ao desenvolverem exercícios com fontes impressas periódicas. Mas, é preciso destacar, que em nenhum momento está análise propõe-se a ser classificatória estabelecendo as piores ou melhores.

² Quanto a expressão categoria, dialoga-se diretamente com as categorias do impresso analisadas em diversas obras por Chartier. Ver: A Aventura do livro do leitor ao navegador (1999).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Como o próprio Rüsen (2010) orienta, ao tratar dos níveis da narrativa histórica, estes não se excluem e estão interligados mutuamente e de forma dependente. Os diferentes níveis também não têm o propósito de estabelecer uma hierarquia classificatória diante de processos avaliativos. Na sequência do artigo analisa-se a primeira narrativa desenvolvida dentro de um universo total de dez produções. A proposta é apresentar um pequeno exemplo das possibilidades do trabalho que foi realizado.

Observações em torno da primeira narrativa

Para a elaboração da primeira narrativa, que partiu da apresentação da proposta de trabalho, foi apresentado aos estudantes um quadro de slides com algumas imagens. As imagens foram disponibilizadas aos estudantes sem nenhum tipo de identificação ou legenda. A partir da observação das imagens propôs-se aos estudantes a elaboração de uma narrativa onde estes deveriam tentar identificar o tema de estudos que seria abordado durante a realização da pesquisa.

Na primeira narrativa, no caso do quadro de marcadores, pode-se concluir que os estudantes não deram muita atenção a dimensão dos marcadores espaciais, mesmo que estes aparecessem nas imagens.

Quadro 2

Marcadores Históricos	Marcadores Temporais	Marcadores Espaciais
17	21	9
80, 95%	100%	42,85%

Fonte: Elaborada pelo autor, 2018.

Ao tentar identificar o tema que seria abordado na pesquisa quase a metade dos estudantes não o relacionou aos lugares a que as imagens, direta ou indiretamente, faziam menção. Isto poderia significar entender e caracterizar melhor os personagens Gutenberg ou os copistas. A observação dos lugares como a Europa Renascentista e O Rio de Janeiro poderia levar a associações com a circulação de ideias ou a produção de saberes.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os estudantes também tiveram dificuldades para identificar o conceito central a ser trabalhado, como demonstra o quadro a seguir.

Quadro 3

Conceito/ Categoria	Estava presente no texto?		O significado do conceito foi apresentado na narrativa?		O estudante estabeleceu relação entre os conceitos e os demais conteúdos apresentados ou expostos em sua narrativa?	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Impresso	Sim	4	Sim	3	Sim	3
	Não	17	Não	18	Não	18

Fonte: Elaborada pelo autor, 2018.

No caso deste quadro, o primeiro conceito que se esperava que os estudantes identificassem era o conceito de impresso. O impresso poderia ser definido como o produto final de uma técnica de reprodução de texto feita de forma automatizada a partir do uso de máquinas. Não era necessário que o estudante tratasse de jornais ou livros especificamente. Seria importante nas análises relacionar este processo a figura de Johan Gutenberg, ao mundo das comunicações. Os estudantes fizeram em suas narrativas relações diretas com Johan Gutenberg e o mundo das comunicações, mas apenas em quatro textos apareceu a palavra impresso. Na grande maioria dos textos apareceram expressões que remetem a evolução dos meios de comunicação ou ao surgimento dos jornais.

Como esta primeira narrativa partiu de um exercício de observação de imagens, e os estudantes não tinham tido nenhum contato com o conceito de impresso, pode-se concluir que suas produções foram bastante coerentes. Como demonstra o próximo quadro.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Quadro 4

Narrativa explicativa ou com coerência	Narrativas fragmentadas	Narrativas soltas
13	6	2
61,90%	28,57%	9,52%

Fonte: Elaborada pelo autor, 2018.

Na primeira narrativa a maioria dos estudantes concluiu que o trabalho, a ser realizado, seria sobre o mundo dos impressos. Ou seja, as evidências não levaram a uma conclusão advinda de um “chute” ou, de uma suposição qualquer sem fundamento. As narrativas tinham coerência explicativa, os estudantes utilizaram os indícios observados nas imagens e foram capazes de articulá-los, criando assim, diferentes histórias a partir da observação de uma mesma realidade.

Para a estudante 15³ as imagens remeteram a instrumentos de tortura onde: “Um homem escrevendo, deveria de estar escrevendo o que as pessoas tinham feito de errado e que estariam sendo punidos nestes instrumentos de tortura.”⁴ A mesma estudante assim define a imagem onde aparece o nome de Johann Gutenberg. “Na minha opinião Johann Gutenberg foi quem começou a escrever estas notícias e aos poucos foi criando uma fábrica de jornal, onde ele poderia ganhar dinheiro vendendo os jornais que ele escrevia.” Poder-se-ia concluir que a estudante 15 não conseguiu identificar um personagem que já havia estudado no sexto ano e, cujo nome aparecia na imagem, mas o fato é que ao identificar um contexto para inserir este personagem, ela criou condições para conhecê-lo. De acordo com Schmidt:

³ Em relação a identificação dos estudantes, respeitando-se o estabelecido pelo Comitê de Ética da UDESC ao qual este trabalho foi submetido, optou-se por apresentá-los a partir de uma enumeração que vai de 1 a 21.

⁴ Em relação a descrição dos trechos das narrativas que aparecem neste artigo procurou-se manter o texto o mais próximo possível do original, mantendo inclusive os erros gramaticais e ortográficos dos estudantes, exceto quando a manutenção do erro significava o não entendimento dos relatos. É preciso afirmar que em um exercício de estudo com mais tempo a primeira versão dos textos desenvolvidos pelos estudantes, após a leitura do professor, deveria ser reescrita. Pelos mesmos a fim de que estes pudessem melhorar a forma de apresentação de suas ideias e, conseqüentemente, praticar a escrita. Contudo, nesta pesquisa não se tinha tempo hábil para tal prática, por isso, optou-se por analisar e transcrever a primeira versão dos escritos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O aluno já tem um vocabulário histórico de uso cotidiano, adequado para descrever situações da realidade em que ele vive. Isto significa que os alunos trazem, ao cotidiano da sala de aula, ideias próprias sobre o mundo social, por exemplo, sobre economia, poder, família. No entanto, muitas vezes, estas ideias são insuficientes para apreender a essência dos fenômenos sociais (SCHMIDT, 1999, p. 148).

A estudante 15 fez uso da contextualização e uso de uma orientação temporal. Na frase utilizada para finalizar seu texto a estudante traz outra definição, que comumente apareceu nesta primeira narrativa em outros textos. “Com o passar do tempo as coisas foram evoluindo e foram surgindo coisas novas”. Através da frase pode-se diagnosticar que a estudante fez uso de uma das dimensões temporais que conecta os estudantes a história e os faz dar sentido a muitas das narrativas, a noção de “evolução”. Mas, isto não significa dizer que a narrativa produzida pela estudante não se encaixa, no quadro proposto aqui, em uma narrativa explicativa ou com coerência.

Este exemplo elucida bem as compreensões dos estudantes em relação as noções de tempo que de acordo com Barca podem se caracterizar em:

Ideias de progresso ou mudança acerca da cultura material, ideias de mudança por questões individuais ou por fatores sociais no que respeita às relações sociais, ideias de evolução ou de diversidade nas mudanças históricas relativamente à direção da mudança (BARCA, 2011, p. 64).

A estudante 9 desenvolveu seu texto afirmando. “O que me chamou a atenção foi a ordem em que elas aparecem, pois vai do antigo ao moderno.” Mas, a estudante 9 também conseguiu relacionar em sua narrativa o conceito a ser trabalhado, o mundo dos impressos, veja como ela conclui o seu texto. “Com isto acredito que estudaremos a comunicação no decorrer da história, como agora tudo é mais fácil com ela junto com o avanço da tecnologia.” Ao contextualizar o conceito dentro de uma dimensão temporal a estudante reafirmou a coerência em sua narrativa.

A estudante 4 deixa de forma subentendida, no início do texto, o conceito de impresso ao afirmar “Eu acho que se trata de como inventaram o jornal”. Na sequência de seu texto esta estudante descreve os avanços tecnológicos que observa no conjunto de imagens. Na conclusão do texto a estudante apresenta a sua forma de compreensão do suporte impresso. “Não precisamos mais de jornal, eu pelo menos não, nem minha família, existindo a tecnologia mudou muito deixando de lado algumas coisas que

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

antigamente se usava muito.” Aqui a estudante deixa claro que não se familiariza com o suporte em seu formato impresso, ela não o identifica no universo digital, televisivo, radiofônico, do qual agora ela e sua família fazem uso para saber das notícias. Ela vive em uma realidade na qual o produto impresso, o jornal não lhe é cotidiano nem mesmo seu formato digital. A forma como a estudante e seus familiares entram em contato com as notícias no mundo digital não remete ao formato do jornal que tradicionalmente se tem em mente. Nem tudo o que genericamente considera-se como presente no cotidiano dos professores faz parte do cotidiano dos estudantes. Se os professores ainda leem jornais impressos, para os estudantes eles representam o passado, a história, da mesma forma que a fita cassete e o disquete. Para Luca;

É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada tem de natural. Das letras miúdas comprimidas em muitas colunas às manchetes coloridas e imateriais nos vídeos dos computadores, há avanços tecnológicos, mas também práticas diversas de leituras (2015, p. 132).

O estudante 11 sugere que o tema é comunicação.

O tempo foi passando e tudo foi se evoluindo, os jornalistas agora escrevem seus textos no seu computador e mandam por e-mail seus enormes textos para a fábrica, onde o trabalhador faz pouquíssima coisa, pois a máquina faz tudo, agora o trabalhador só precisa apertar alguns botões para publicar textos maravilhosos, onde tem imagens, histórias, textos informativos, humor e várias outras coisas que noz faz ter vontade de ler.

Ele contextualizou as imagens dentro das plataformas eletrônicas de editoração e circulação de textos e viu nisto um incentivo à leitura na atualidade. Por isso não se pode apenas avaliar os processos tecnológicos⁵ dentro da perspectiva que os condena ou os idolatra.

Se a fonte impressa é trabalhada em sala apenas como um produto de informação fica evidente que na cabeça do estudante ela é ultrapassada e sem sentido. Por que folhear papéis velhos se o meio digital proporciona de forma muito mais rápida e eficiente a informação, mesmo que histórica? Algum historiador poderia facilmente se indignar com isto e, afirmaria que sem documentos não há história. Mas, é preciso destacar que estes estudantes não são historiadores e, nem se está querendo transformá-los em historiadores

⁵ Sobre o conceito de técnica e tecnologia pode-se consultar; PINTO, Álvaro Vieira. O Conceito de Tecnologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 2 v.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nas aulas de história. Portanto, as relações que estes estudantes estabelecem com os instrumentos do historiador são relações completamente diferentes.

O estudante 10 atrelou as mudanças tecnológicas ao conceito de trabalho e viu nas transformações do trabalho as justificativas para caracterizar a evolução do mundo moderno. “Hoje em dia as pessoas não trabalham em grandes máquinas e a dificuldade é bem menos. As pessoas trabalham em grandes escritórios em seus computadores e com seu cafezinho.” O conceito de evolução é percebido pelo estudante através de diferentes elementos como a velocidade, as plataformas digitais, as facilidades do trabalho atual. Portanto, o repertório utilizado pelos estudantes em suas narrativas para torná-las coerentes é variável. Outro aspecto interessante a destacar sobre o estudante 10 é que sua trajetória escolar é muito marcada pelas dificuldades de escrita⁶, no entanto, isto não significou necessariamente a falta de coerência em sua narrativa. Desta forma, pode-se concluir que mesmo estudantes com dificuldade de escrita podem, ainda que com maior dificuldade, produzir narrativas coerentes.

O estudante 17 serve como exemplo para se demonstrar uma narrativa solta. “Esta pesquisa creio que vai girar em torno de algo a escrita. Escrita medieval, o poder era da igreja. Revolução industrial, placas de impressão eram usadas, era mais prático e rendia mais impressões.” Se esta narrativa for analisada dentro de um quadro conceitual se observa que o estudante demonstra bom domínio dos assuntos históricos e faz uso deles para contextualizar as imagens. No entanto, não cria um enredo que transforme o texto em uma narrativa. A própria estrutura de seu texto foi dividida em parágrafos, onde dentro de cada parágrafo ele procurou relacionar as imagens a um período histórico ou a um acontecimento histórico.

A estudante 21 construiu uma narrativa fragmentada. A estudante apresenta os fatos que, segundo ela, exemplificam as mudanças e a evolução dos meios de comunicação. No entanto, ao ler a narrativa é evidente que a estudante foi encaixando as descrições de cada imagem para chegar a sua conclusão. Ela não utilizou o conceito de impresso presente nas imagens para criar um contexto para a história. Afirma a estudante. “No começo mostra uma máquina de impressão (...). Aparecem novas pessoas em uma

⁶ O autor lecionou para este estudante por cinco anos, por isso conhecia bem seu histórico escolar.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

indústria maior talvez de jornal.” Este pequeno trecho evidencia que a narrativa foi elaborada através da simples disposição de algumas informações.

A fonte histórica ganhou, nas narrativas de muitos estudantes, o sentido de prova. Mas, esta prova encontrava-se sobre o estatuto da desconfiança, proporcionada, entre outras coisas, por um universo infinito de acesso a diferentes informações. Conhecer a forma como os estudantes elaboram suas “teorias” sobre a história é uma forma de conhecer seu pensamento histórico.

Uma coisa que não faz muito sentido, foi que tinha uma página em latim, que eu acho que é por causa que o português Brasil deriva do latim. Uma imagem também mostra uma pessoa escrevendo, que aumenta ainda mais minha teoria. O café eu não tenho certeza, e me deixa intrigado, porque o professor falou que está relacionado, mas não se encaixa na minha teoria (Estudante 19).

Para o estudante 19 as diferentes informações que lhes foram apresentadas, inclusive pelo professor, geram um conflito que dificulta algumas de suas conclusões.

Outro aspecto interessante a ser analisado diz respeito as atribuições dadas aos personagens e como os estudantes construíram sua argumentação. “Cada matéria teria que ser lida, por ele, (Gutenberg que o mesmo estudante define como o chefe da fábrica de jornais), então era posto um selo de aprovação em cada jornal” (Estudante 3). Os personagens têm suas funções modificadas, quando se compara com as narrativas profissionais da história. Mas, a modificação dos personagens, no caso das narrativas dos estudantes, é uma forma de se construir um entendimento sobre eles a partir do que a fonte disponibilizada pelo professor proporciona. Assim, não se tem um erro histórico, se tem sim uma forma de compreensão da história.

Para finalizar, enfatiza-se que o fato da maioria das narrativas construídas neste primeiro momento se enquadrarem dentro das narrativas explicativas ou de coerência se deve a circunstância de que os estudantes não foram, neste exercício, obrigados a interpretar uma realidade totalmente configurada. Neste caso, a coerência pode emergir mais facilmente por que a situação apresentada ainda estava no campo hipotético.

A oficina de impressão tipográfica

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Este exercício se deu através do convite da Fundação Cultural de Timbó para participar da oficina com o professor Cristiano Moreira. O professor Cristiano Moreira organizou e ministrou esta oficina através de um edital da Fundação Catarinense de Cultura. O professor é poeta e dono de uma oficina tipográfica onde realiza a impressão de pequenos projetos editoriais de forma artesanal. O professor conhece muito bem a técnica de impressão tipográfica. A oficina consistiu de dois momentos. No primeiro momento os estudantes realizaram a leitura de poemas diversos e conversaram sobre eles. Após este exercício os estudantes elaboram poemas curtos. No segundo momento os estudantes utilizaram as técnicas da tipografia para transformar seus poemas manuscritos em poemas impressos.

Este trabalho ocorreu em um lugar bastante simbólico, o museu Casa do Poeta Lindolfo Bell. O espaço destinado a realização da oficina foi uma área externa da casa. E ao final os estudantes puderam expor suas criações no museu. Participaram desta experiência 12 estudantes. Os demais estudantes do grupo não puderam comparecer por motivos diversos. A oficina foi realizada durante dois dias em período integral, portanto extrapolava o horário regular de aula dos estudantes.

No contexto deste trabalho, a oficina de impressão tipográfica não era para ensinar um fazer, um ofício ou uma técnica, era uma forma de experiência com o tempo. O tempo passado, mais ainda presente naqueles modos de fazer, naqueles objetos, naquelas marcas que insistem em se multiplicar quando o rolo passa a tinta sobre as ideias. Um jeito complicado de multiplicar o pensamento para um pensante estudante acostumado a rapidez e a “descomplicação” da atualidade.

A oficina de impressão tipográfica foi uma forma de proporcionar a presença do passado. Desta forma, pode-se afirmar que o tempo presente no impresso é também a representação do tempo no momento de sua confecção. O impresso de hoje representa o tempo acelerado, da grande quantidade e da praticidade. O impresso do século XIX e início do século XX, representa um tempo com ritmo mais lento, onde se vive uma angústia pela maior produção, que ainda não foi plenamente alcançada.

Foi interessante perceber a angústia dos estudantes ao quererem transformar a letra, manuscrita do poema em letra impressa. Angústia que representa a sensação de perda, é como se o texto manuscrito fosse desaparecer se não fosse materializado pela

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

técnica de impressão. A técnica tipográfica, onde os impressos são montados, antes de serem impressos, dentro de quadro de metal, é fundamental para esta sensação. É como se o texto passasse por uma transformação mágica que lhe conferisse outro status. O texto impresso é produto consolidado, é produto a ser divulgado, é uma outra forma de texto, é uma outra forma de conferir materialidade a ideia, uma forma de textos consagrados que os estudantes, enquanto leitores, tem acesso.

Esta experiência não se resumiu a oficina, foi um encontro para, em conjunto, ler-se poesias, para escrever poesias, para imprimir poesias. Um encontro em um lugar que foi a casa de Lindolfo Bell, aquele que, além de sua vasta obra poética, também é lembrado pela experiência que ficou conhecida como “catequese poética” onde buscava popularizar a poesia fazendo declamações em praças, fábricas etc.

Não se tratou simplesmente de apresentar a técnica, se tratou de experimentá-la e isto é mais do que imprimir textos, significa vivenciar sua criação, conversar sobre esta arte, estar em um lugar diferente, cheio de significados. Significa permitir-se o diferente através da ampliação do tempo livre dedicado ao aprender, significa estar aberto a surpresa, sem a preocupação de que ela vai ser boa ou ruim, mas sim com a intenção de viver a surpresa.

Os estudantes, ao final da experiência, demonstraram realmente terem sido tocados por este exercício de estudos. Isto pode ser evidenciado de várias formas. Eles estavam atentos, fizeram questão de viver todas as etapas da aula, utilizaram os conhecimentos adquiridos para escreverem posteriormente suas narrativas, fizeram questão de levar para casa uma cópia dos poemas impressos, divulgaram e explicaram a exposição feita na escola para os demais estudantes. Assim foi a aula oficina.

A visita à fábrica de papel

Neste exercício os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer o processo de produção do papel através da visita a uma planta de produção de uma indústria localizada no município de Benedito Novo. Todos os estudantes da turma participaram deste exercício que durou uma tarde, ocupando, portanto, cinco aulas. A atividade também foi acompanhada pela diretora da escola e pela professora regente da turma.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Antes da visita, em sala, a turma leu um texto que tratava da história da produção do papel. O objetivo era fazer os estudantes pensarem nos suportes da escrita e se prepararem para a visita à fábrica.

Os estudantes foram recepcionados na empresa por um dos gerentes de produção. Em uma sala os estudantes tiveram uma breve apresentação do histórico da empresa e de seu portfólio de produtos. Encerrada esta primeira etapa, os estudantes, divididos em grupos menores, visitaram a planta de produção da empresa onde puderam conhecer as diferentes etapas da produção de papel. Cada grupo foi acompanhado de um profissional da escola e de um da empresa que explicava os processos e respondia as questões dos estudantes. Na visita a planta de produção, por questões de sigilo de mercado, as fotografias eram proibidas. Ao final desta etapa os estudantes fizeram um lanche oferecido pela empresa e retornaram à escola.

Na escola o resultado da visita foi transformado em uma exposição fotográfica, para que os demais membros da comunidade escolar pudessem compartilhar a experiência. Como ficou evidente, através da observação das narrativas produzidas pelos estudantes, eles utilizaram os conhecimentos adquiridos neste exercício de estudos para desenvolver diferentes argumentações em suas narrativas.

A visita à fábrica de papel fez os estudantes pensarem nas mudanças em relação ao uso do papel. Dos mais de dez tipos diferentes produzidos pela empresa nenhum se destina ao texto impresso. Isto torna evidente que a relação entre o papel e o texto já não é mais a mesma. O papel já não representa mais a exclusividade do texto impresso. Isto porque, o mundo dos impressos, também não é mais o mundo exclusivo dos livros e jornais. O mundo dos impressos é hoje o mundo da propaganda, do entretenimento, das utilidades e facilidades da vida moderna, o mundo da imagem. Os impressos mudaram e relegaram ao texto uma segunda importância, o papel também se libertou da ditadura do texto. Ou seja, o mundo digital, não garante a salvação das árvores, mas representa uma mudança de suporte do texto que a indústria do papel já percebeu e anunciou em suas linhas de produção a algumas décadas.

Visitar a fábrica de papel foi uma forma de perceber a revolução digital do livro e do jornal por outros caminhos. É uma forma de definir um outro significado para o mundo dos impressos, o papel voltado para os impressos não é mais aquele que os historiadores

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

definiram como um campo de investigação. Para a indústria os impressos já não representam mais livros e jornais, mas sim as embalagens, que garantem status e publicidade a diversos produtos e o aumento do trabalho em suas linhas de produção.

A visita também permitiu perceber como os estudantes se relacionam com o tempo, para isto bastou observar como eles compreendem os ritmos da produção. Quando um funcionário da fábrica de papel afirmava que a empresa pode produzir determinada quantidade de toneladas de papel por dia, o que equivale a uma enorme quantidade por hora, os estudantes não se espantam com esta informação, a grande produção em um curto espaço de tempo não lhes surpreende. Talvez faça parte de seu cotidiano, está presente na infinidade de botões que eles apertam e lhes permitem configurar, reconfigurar e imprimir o texto.

No entanto, quando estes mesmos estudantes, durante a oficina de impressão tipográfica, tiveram que compor os tipos que representam o texto na rama, para depois manualmente imprimir a prova, eles ficam impressionados com a trabalhadeira e com a demora. Na verdade, a quantidade de trabalho e a demora também estão em outros processos de produção, mesmo no moderno, só que fragmentados a tal ponto que dão a sensação de imediatismo. Isto é uma forma de experiência com o tempo, não é preciso construir uma máquina do tempo para pensar o tempo na história, basta estabelecer uma forma de relação com ele, que pode ser através da experiência com o tempo da produção ou, quem sabe, uma experiência com o tempo do lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa deixou claro que o trabalho com fontes impressas periódicas, da forma como foi proposto é bastante complexo. Os estudantes tiveram dificuldades de realizar as observações no momento que trabalharam com cópias de jornais impressos de meados do século XIX, O Patriota, O Catharinense, O Conciliador Catarinense, O Expositor e começo do século XX, O Semeador, O Aliado. Entre as principais queixas destaca-se; a letra, o estado de conservação, a forma de diagramação, a distância em relação aos acontecimentos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As dificuldades não impossibilitaram que se pudesse observar a forma como os estudantes concebem mudança, definem história, pensam e significam a experiência com o tempo.

Também pode-se concluir que o trabalho com as fontes impressas periódicas, a partir dos elementos que possibilitam a materialidade dos textos, abriu caminho para o diálogo com outras áreas de saber, possibilitou o estudo de diferentes conteúdos históricos, possibilitou o estudo de categorias como autor, editor, suporte, leitor dentro de diferentes contextos históricos.

O trabalho com fontes impressas periódicas com estudantes do Ensino Fundamental não pode ser apresentado somente a partir da exposição dos resultados de uma experiência e sua metodologia. O que caracteriza este trabalho são também os exercícios de estudo do professor, e eles não podem ficar somente subentendidos. São os exercícios de estudo do professor que caracterizam a forma como ele vai abordar as fontes impressas periódicas com os estudantes. Não é um roteiro de atividades que define esta prática. No caso das fontes impressas periódicas é preciso trazer para o cotidiano das aulas este recurso, no entanto a pesquisa demonstrou que este exercício é bastante laborioso e precisa cada vez mais ser instrumentalizado, daí a importância dos professores compartilharem de suas experiências com o uso de fontes impressas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, Fabricio. **O trabalho com fontes impressas periódicas nas aulas de história**: um estudo de caso sobre o desenvolvimento do pensamento histórico. 2018. Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Florianópolis, 2018.
- BARCA, Isabel. **Educação Histórica**: vontades de mudança. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 42, p. 59-71, out./dez. 2011. Editora UFPR.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: Editora UNESP, 1999.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In PINSKY, Carla Bassanezi (Org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2015.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica.** 1ª reimpressão. Brasília: Editora UNB, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **CONSTRUINDO CONCEITOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: "A CAPTURA LÓGICA" DA REALIDADE SOCIAL.** HISTÓRIA & ENSINO, Londrina, v. 5, p. 147-163, out. 1999.

SILVA, Giane de Souza. **Educação histórica: os sentidos atribuídos por alunos do 9º ano do ensino fundamental ao conhecimento histórico sobre história local.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, Londrina, 2014.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

Documentos Históricos / JORNAIS

O ALIADO. Florianópolis: 1915.

O CATHARINENSE. Desterro: Typographia do Catharinense, 1831 – 1832.

O CONCILIADOR CATARINENSE. Desterro: Typographia do Catharinense, 1849.

O EXPOSITOR, Desterro: Typographia da Sociedade Patriótica, 1832- 1833.

O PATRIOTA. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1813 – 1814.

O SEMEADOR. Rodeio: 1938.